



MARGOTTI, F. W. **Morfologia do português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas de português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: 34 ed. Cultrix, 2012.

SILVA, P. L.; BATISTA, M. G. D. de A. e M.; LIMA ARRAIS, M. N. Morfologia da Língua Portuguesa. In: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). **Língua Portuguesa e libras: teorias e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011, v. 3, p. 103-164.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: 18 ed. Cortez, 2011.

A LIBRAS NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Andressa da Costa Rodrigues⁷

Edinardo Nogueira Costa⁸

Geraldo Venceslau Junior⁹

Resumo

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de identificar e analisar as diferentes percepções sobre a disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS no currículo dos cursos de formação de professores do CFP/UFCEG, através de depoimentos dos graduandos realizados em diversas turmas de diversos cursos de licenciaturas deste centro, através de questionários contendo variadas indagações sobre a importância da Libras no processo de formação de profissionais da educação. Inicialmente aplicou-se o questionário a turmas que já havia ou estavam cursando a disciplina, logo após realizou-se a aplicação com as demais turmas que ainda não tiveram contato com a disciplina na formação. Os dados

⁷ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); dessa.ufcg2013@gmail.com.

⁸ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); edinardo.enc@gmail.com.

⁹ Prof. Esp. da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); Unidade Acadêmica de Letras (UAL); prof.geraldovenceslau.ufcg@hotmail.com.



foram obtidos através de um questionário composto por 03 perguntas, subdivididas em dois temas, que compreenderam questões referentes à Disciplina de Libras como ferramenta de inclusão e a Libras como mecanismo de formação docente. Os principais resultados da análise dos dados compreendem as considerações dos graduandos dos cursos de licenciatura acerca da obrigatoriedade da disciplina em seu curso, da importância do professor surdo como docente de Libras, dos conteúdos da disciplina e dos saberes necessários à futura atuação com alunos surdos.

Palavras-chaves: Formação de Professores, Língua Brasileira de Sinais, Inclusão.

Introdução

O atual trabalho possui o intuito de apresentar as diferentes concepções que os discentes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG) têm em relação à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), não somente a LIBRAS, mas também será relatado sobre os conhecimentos prévios sobre a cultura e identidade surda, que os mesmos possuem. Através das experiências adquiridas na monitoria da disciplina de Libras, percebemos que muitos dos alunos possuem uma visão distorcida sobre a LIBRAS.

Nos cursos superiores, a monitoria é uma modalidade usada com bastante frequência, sendo que podemos encontrar monitores bolsistas e voluntários desse modo são utilizadas como método que auxiliem ao ensino. Sendo que o seu propósito possui a funcionalidade dos estudantes mais adiantados nos períodos de graduação, possam estruir seus colegas que no qual estão tendo dificuldade na disciplina (FRISON e MORAES, 2010).

A Lei foi aplaudida seguindo os Regimentos das Instituições, sendo que a monitoria passou a ser mantida na maioria das Universidades nacionais estendendo até as internacionais. Assim as coligações que são adquiridas com os professores orientadores são formadas, pois os mesmos são líderes onde disponibilizam estratégias que auxiliem aos seus alunos monitores experiências profissionais (FRISON e MORAES, 2010).

Muitas famílias ouvintes tende a ter filhos surdos, devido à herança genética ou por algumas patologias que poderão causar a surdez nos bebês, um exemplo delas é a rubéola. Assim essas famílias preferem impor que seus filhos se comuniquem pela língua oral,



mesmo sabendo que eles possuem restrições de domina-la. Desse modo poderá ocasionar várias problemáticas que os próprios surdos ficarão expostos como a restrição social que causariam o acarretamento de limitações de sua identidade, passando a serem alienados de inserção na sua própria cultura (QUADROS, 2006).

Durante muito tempo os surdos vêm procurando o seu real espaço na sociedade, e dessa forma os ouvintes da mesma propõem posições divergentes para as relações sociais com os surdos, por não saberem oralizar, seus espaços são reservados passando assim a não terem participações e muito menos possuir considerações. E com isso a Educação que está voltada para essas pessoas surdas hoje em dia, passa a ser dividida quando se trata dos modelos que deveriam ser seguidos para a Educação Especial, assim acomete de um fracasso ou ruptura que está relacionada para a educação dos surdos (GROPPO, 2011).

A Lei Nº 10.436 sancionada no dia 24 de Abril de 2002, no qual a LIBRAS passou a ser reconhecida como língua oficial brasileira. E através do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a Língua Brasileira de Sinais foi inserida como disciplina obrigatória, nos cursos de Pedagogia, Educação Especial, nas diversas licenciaturas e no curso de Fonoaudiologia. No entanto, entre as muitas contribuições do decreto, principalmente em relação à educação de surdos, destaca-se a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular nos cursos de formação de professores.

Após o Decreto Nº 5.626, a LIBRAS passou a ser uma disciplina obrigatória nos fluxogramas dos Cursos de Licenciaturas, para os Cursos de Pedagogia esta obrigatoriedade representa um fator mais importante, pois é ali onde ocorre a formação inicial das crianças. Isso passou a ser considerado como momento no qual a educação dos surdos teria uma boa qualidade, mas onde são encontradas diversas problemáticas que estão relacionadas na formação no Ensino Superior, onde tornaria a proporcionar uma formação adequada ao docente a promover uma educação de qualidade para os alunos surdos. (ALBRES, 2012).

Portando as experiências vividas durante o período de monitoria fora muito gratificante por nos proporcionar uma aproximação maior com a Língua de Sinais, com isso podemos perceber algumas divergências sobre a cultura surda presente na Universidade e com o intuito de auxiliar na inclusão dos surdos na instituição foi aplicado



um questionário com algumas perguntas sobre a comunidade surda e a LIBRAS. Dando a relevância importância dos monitores nessa disciplina, pois auxiliam na maioria das vezes a se comunicarem com o professor orientador.

Desenvolvimento

A pesquisa teve sua área de realização na Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), localizada na Cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba. Tendo período estimado entre os dias 30 de Junho e 01 de Julho de 2016.

Na abordagem a pesquisa tem um caráter quantitativo, segundo Barros e Silva (2010) a pesquisa está relacionada ao emprego de recursos e técnicas estatísticas que visem quantificar os dados coletados.

A problemática partiu das formas de concepções que alguns alunos possuíam em relação à cultura surda. Segundo Gesser (2009) no Brasil a língua natural dos surdos recebe o nome de Libras (Língua Brasileira de Sinais), e é considerada "língua natural" porque ao ser exposto a ela, o surdo a adquire de forma espontânea, da mesma forma que as crianças ouvintes adquirem uma língua oral ao serem expostas a ela. A Língua de Sinais é classificada como língua materna das comunidades surdas, porque pelo canal visual-espacial os surdos conseguem naturalmente comunicar-se entre si e receber a herança cultural das comunidades surdas.

Já diante dos métodos técnicos abordados estão voltados para uma pesquisa explicativa, onde essa ideia pode ir de frente com Barros e Silva (2009) onde pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno, procurando fontes e razões das coisas. A pesquisa fora realizada com alguns alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Matemática, Pedagogia e Geografia. Durante a pesquisa foram distribuídos questionários contendo apenas três perguntas relacionadas com a LIBRAS e a Identidade Surda.

Quando perguntado aos alunos sobre a aquisição da LIBRAS, pelo surdo, se permite o seu desenvolvimento social e cognitivo? Apenas 30% dos alunos que participaram da pesquisa responderam que sim, e 70 % disseram que não, isso permite inferir que nem todos os alunos compreenderam realmente a importância da LIBRAS no



contexto cultural do surdo. Segundo Dizeu e Caporali (2005) a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) quando adquirida logo no início da infância do surdo provê seu desenvolvimento como sujeito e se isso ocorrer de forma tardia poderá acometer obstáculos no entendimento de algum contexto complexo. Para muitos especialistas a LIBRAS não é considerada como língua e sim como apenas uma forma de comunicação fazendo com que não haja uma construção do sujeito surdo.

Quando aos mesmos alunos perguntou-se sobre o termo surdo-mudo é empregado de forma correta? O que você entende por esse termo? Apenas 25% não responderam de forma correta, os 75% restantes dos entrevistados disseram que não e apresentaram argumentos condizentes com o contexto real. Para Gesser (2009) o termo surdo-mudo não é correto a ser usado já que o surdo possui o seu aparelho fonador intacto, podendo sim oralizar se a pessoa surda aceitar esse caminho a serem seguido que é o da oralização, assim os alunos teve uma resposta adequada a esse termo.

A sociedade, sobretudo os médicos e educadores, depois de vários estudos chegou à conclusão que o aparelho fonador do surdo assim como os dos ouvintes estavam preservados, sendo assim o termo mudo não era (e não é) cabível. O termo Surdo tem sido utilizado quando a pessoa com surdez é caracterizada como surdez profunda no âmbito da medicina, quando é leve ou moderada ainda persiste o termo Deficiente Auditivo, já na Comunidade Surda, o Surdo é aquele que é usuário de Libras e é pertencente a tal.

Quando questionado sobre a afirmação de que o interprete era a voz do surdo? A resposta foi que apenas 20% responderam que não e 80% disseram que sim. Segundo Brasil (2004) os intérpretes tem grande importância na interação entre surdos e ouvintes em nossa sociedade. Apesar de no Brasil não haver grande tradição na formação de profissionais isolados neste ramo à presença de intérpretes em instituições para transmitir aos surdos às informações que não são expostas em sua língua, já é uma obrigatoriedade exigida pela lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002.

No entanto, o interprete um profissional habilitado para realizar a tradução ou interpretação em casos e locais determinados sendo, neste caso a voz do surdo, mas no seu contexto sociocultural o interprete não é considerado a voz do surdo, pois o surdo possui uma língua que permite comunicar-se perfeitamente (GESSER, 2009).



Considerações

O ensino de Libras revela-se como um avanço necessário conquistado pela sociedade, sendo fundamental principalmente para as pessoas surdas, pois são elas as mais beneficiadas com as políticas de inclusão. Apesar do avanço na legislação a realidade mostra-se ainda um pouco divergente entre o que está na lei e a realidade.

Na pesquisa muitos alunos apesar de já terem cursado o componente de Libras, no curso superior, desconhece questões básicas sobre o a importância da Língua de Sinais para o professor, seja qual for sua área de atuação. Isso revela a pouca relevância atribuída ao ensino de Libras, como se o professor não fosse o responsável por ensinar também a alunos surdos.

As conquistas são importantes para os futuros educadores e profissionais que precisam aprender a lidar com diversidade e capacitar-se continuamente para poder atender a todos de maneira igual.

Referências

ALBRES, Neiva de Alquino. O Significado e Implicações da Inserção de LIBRAS na Matriz Curricular do Curso de Pedagogia. In (org.) _____. **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**: São Paulo: Feneis, 2012. p. 57- 78.

BARROS, José Deomar de Souza; SILVA, Maria de Fátima Pereira da. Tópicos Gerais sobre Metodologia Científica. In_____. **Metodologia do Estudo e da Pesquisa Científica**: João Pessoa: Sal da Terra, 2010.p. 15- 25.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10. 436, de 24 de Abril de 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos**. Brasília: MEC/ SEESP, 2004. 94p.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais constituindo o Surdo como Sujeito. **Revista Educação Social**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; MORAES Márcia Amaral Côrrea de. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens



discentes. **Revista Poiesis Pedagógica**, UFG- Catalão, v. 8, n. 2, p 144-158, ago./dez. 2010.

GESSER, Audrei. O Surdo. In _____. **LIBRAS: Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**: São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 45-61.

GROPPO, Daniela Paladini. Intérprete de Libras e alunos surdos: comunicação em sala de aula. In _____. **Educação em Foco**: UNISEPE: Amparo, 2011. p. n/p.

QUADROS, Ronice Muller. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In (org.) _____. **Estudos Surdos I**: Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2006. p. 187- 215.

RELEVÂNCIA DA PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS NA FORMAÇÃO DO DISCENTE

Sizanete da Silva Santos 1 (UFCG)
sizanete001@hotmail.com

Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
bolsista do Programa de Monitoria – campus de Cajazeiras-PB

Rose Maria Leite de Oliveira 2 (UFCG)
roseleite@ufcg.edu.br

Docente da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), Campus de Cajazeiras. Orientadora de Monitoria
da disciplina Organização e Prática da Pesquisa Científica

Resumo

Este trabalho consiste num estudo acerca da relevância da produção textual na universidade a partir dos gêneros textuais acadêmicos comumente trabalhados no ensino superior. Partimos das seguintes questões: se um aluno iniciante geralmente desconhece os gêneros específicos da academia, que dificuldades ele sentirá ao se deparar com os mesmos? Como superar a situação e aumentar as possibilidades de se tornar um pesquisador e não apenas um repetidor de ideias ou um sujeito passivo? Pretendemos, dessa forma, descrever a importância da produção de gêneros textuais na universidade. Para isso, buscamos compreender as principais dificuldades dos discentes que ingressam no ensino superior, considerando a prática no projeto de monitoria e classificar os gêneros textuais mais utilizados na academia. Utilizamos como porte